

Pressão derruba Haddad

CÉSAR HENRIQUE ARRAIS

DA EQUIPE DO CORREIO

Domingos Peixoto/AG

Pressionado pelo ministro da Saúde, Humberto Costa, que exigiu a exoneração de todos os funcionários que ocupam cargos de chefia no Instituto Nacional de Câncer, o diretor-geral do Inca, Jamil Haddad, decidiu pedir demissão. “Depois da solicitação para que eu demita toda a estrutura funcional, não me sinto em condições de continuar à frente da instituição”, afirmou ao anunciar sua saída do instituto.

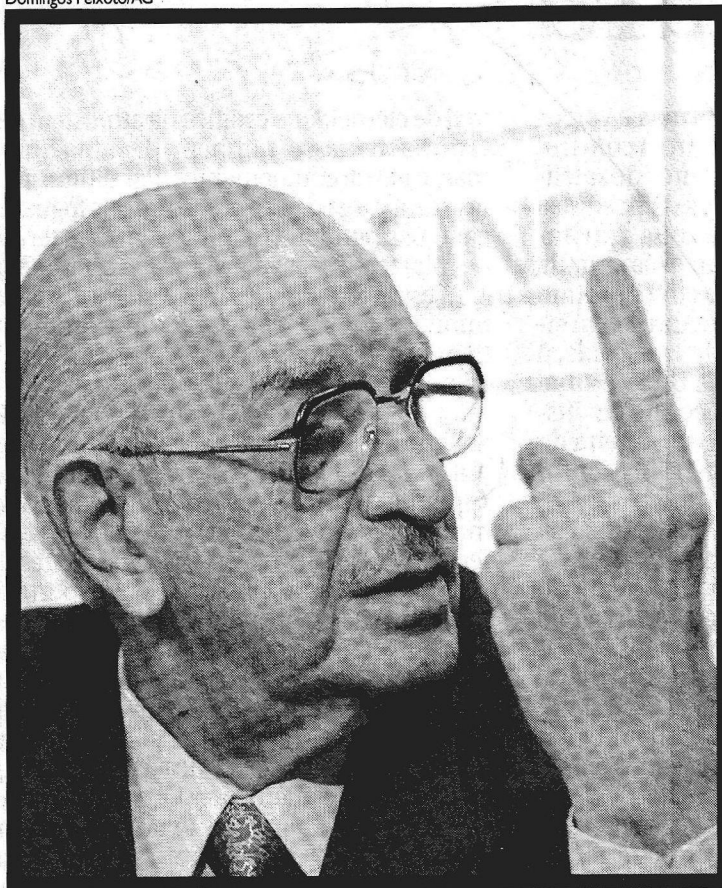
“A ordem era para que só ele ficasse, porque é pessoa de confiança do ministro”, disse o secretário de Atenção à Saúde do ministério, Jorge Solla. Ontem pela manhã, Solla foi ao Rio pressionar Haddad para afastar a diretoria. Relutante, ele acabou aceitando a imposição, mas decidiu também se demitir.

Há cinco meses dirigindo o Inca, Haddad não resistiu às pressões de diretores e funcionários da instituição — mais de cem haviam anunciado demissão coletiva — contra a permanência da sua coordenadora de administração, Zélia Abdumacih.

Ela é apontada pelos demissionários como principal responsável pelo desabastecimento do hospital, que sofre com a falta de pelo menos 90 medicamentos, entre quimioterápicos e antibióticos. Pacientes estavam sendo mandados de volta para casa por falta de condições de prosseguir com o tratamento. “Ela não tinha competência para administrar as compras, e levou o hospital a uma situação insustentável, sem precedentes”, disse o chefe demissionário do Setor de Urologia do Inca, Franz Campos.

Questões políticas

Os médicos rebelados acusavam Haddad de manter Zélia — mulher do presidente da Câmara de Vereadores do Rio, Sami Jorge (PDT), — por questões



HADDAD SE CONSIDERA TRAÍDO NO INCA: “FUI APUNHALADO PELAS COSTAS”

políticas. Ontem, eles apresentaram um documento no qual provam que a indicação da diretora foi rejeitada pela comissão de transição do Inca à época em que Haddad assumiu o instituto, em março. O ex-ministro tentou, sem sucesso, evitar a demissão de Zélia. Ele disse ter sido vítima de um complot. “Essa crise foi provocada por aqueles que não querem perder privilégios.”

Haddad acusa os diretores demissionários de traição. “Fui apunhalado pelas costas. Eles preferiram ir falar com a imprensa do que entrar na minha sala e conversar”, disse. No lugar de Haddad, assumirá, interinamente, Walter Roriz, chefe de gabinete, que dirigiu a instituição entre 1986 e 1990. Os demais cargos também serão ocupados de forma provisória pelos substitutos imediatos dos demitidos. A diretoria definitiva será desig-

nada nas próximas semanas pelo ministro Humberto Costa.

Dinheiro não falta

Tanto Haddad quanto o secretário de Atenção à Saúde, Jorge Solla, reconheceram a crise de abastecimento no Inca. Mas não apontaram as causas. “O motivo não é financeiro porque dinheiro não falta. Os motivos são de ordem administrativa e vamos ter de descobrir o que aconteceu”, disse Solla. O orçamento do Inca em 2003, R\$ 132 milhões, é maior que o de 2002 e, ao contrário da maior parte das áreas do governo federal, não sofreu cortes por parte da equipe econômica.

Além de pesquisas e do atendimento a pacientes, o Inca define todas as políticas para tratamento do câncer no Brasil. O instituto tem 3 mil funcionários e faz 2 mil consultas por dia nas 18 unidades espalhadas pelo Rio.

Funcionários descontentes

A exoneração de toda a diretoria do Inca não diminuiu o descontentamento de funcionários e pacientes. “Só exonerar não resolve. A população não pode ficar em situação interina”, diz o ex-chefe do setor de Urologia, Franz Santos. Ontem à tarde, seis diretores demissionários se reuniram com o secretário de Atenção à Saúde, Jorge Solla, para cobrar definições quanto ao futuro do Inca, mas garantem que não pediram para voltar aos cargos. “É um direito do ministério indicar quem quiser”, afirma o ex-vice-diretor do Inca Walter Meohas.

Presidente há 22 anos da Associação de Amigos do Inca (Aminca), a assistente-social Iara Rezende teme que o afastamento de todos os diretores agrave a crise na instituição. “São todas pessoas formadas na casa, profissionais especializados que conhecem o Inca como ninguém. Não mereciam sair por causa da incompetência do diretor-geral”, afirma.

Na opinião de Iara, o próximo diretor-geral deveria ser escolhido em eleições diretas dentro da instituição. “Só assim teremos a garantia de que pessoas competentes estarão no cargo. Não se pode deixar a instituição na mão de gente que foi indicada por critérios políticos”, argumenta. Segundo Jorge Solla, a escolha de Jamil Haddad, que é filiado ao PSB, não foi política. “Desde a transição do governo que o ministro queria trabalhar com o Jamil. Ele é um homem de grande experiência”, afirma. (CHA)